

ELETROBRAS / ELETROSUL

ELETRICITÁRIOS DEVEM MANTER MOBILIZAÇÕES EM DEFESA DAS EMPRESAS ELETROBRAS E PELO PAGAMENTO DA PLR



A forte mobilização dos trabalhadores que paralisaram as atividades nos dias 24 e 25 de abril em todas as empresas do Sistema Eletrobras demonstrou a disposição de luta da categoria. Os trabalhadores reivindicam medidas de fortalecimento das empresas e exigem o pagamento da PLR 2013, já que o resultado operacional foi positivo, embora o resultado financeiro tenha sido afetado negativamente pela regras de renovação das concessões impostas pela MP – 579. Na Eletrosul, o movimento foi encaminhado pelos sindicatos que compõem a Intersul e também teve adesão maciça dos trabalhadores.

Segundo o boletim da Federação Nacional dos Eletricitários (FNU), a estratégia da mobilização será manter a pressão junto à direção das empresas e órgãos federais, buscando apoio de integrantes do Congresso Nacional, para que o Governo adote medidas para restabelecer a saúde financeira das empresas, garantindo a capacidade de honrar compromissos como o pagamento da PLR dos trabalhadores.

A Assembleia Geral Ordinária – AGO da Eletrobras, realizada no dia 30 de abril, assim como as assembleias de acionistas da Eletrosul e outras empresas da Holding, realizadas após as paralisações, aprovaram as demonstrações financeiras da Holding contendo provisionamento para pagamento de dividendos aos acionistas e, conseqüentemente, da PLR.

O Coletivo Nacional dos Eletricitários (CNE) não descarta novas paralisações, porém acredita no diálogo para iniciar uma negociação efetiva do pagamento da PLR. Os trabalhadores não abrem mão do direito histórico conquistado após anos de luta, pois já contribuíram com sua parte para a manutenção da boa prestação do serviço à sociedade, apesar da forte redução da força de trabalho, pela saída de cerca de 5 mil trabalhadores no Programa de Incentivo ao Desligamento, ocorrido ano passado. Caso a negociação não se concretize, novas paralisações poderão ser encaminhadas, pois a disposição de luta da categoria continua e os trabalhadores não estão dispostos a abrir mão de suas conquistas e do direito à sua participação no resultado das empresas.

Dias 7 e 8 de maio o CNE estará reunido em Brasília-DF para ações institucionais junto ao Congresso Nacional e reunião para avaliação e encaminhamentos.

"Os trabalhadores já contribuíram com sua parte para a manutenção da boa prestação do serviço à sociedade, apesar da forte redução da força de trabalho, pela saída de cerca de 5 mil trabalhadores"

SÓ CONQUISTA QUEM LUTA!



O SINDICALISMO BRASILEIRO NO ATUAL CONTEXTO POLÍTICO. PARA ONDE VAMOS?

Entrevista com Clemente Ganz Lúcio, Economista do Dieese e palestrante do 9º Congresso dos empregados da Celesc

PG. 2-3

POR UMA CELESC FORTE SINDICATOS INICIAM CAMPANHA

Intercel inicia campanha junto à sociedade em defesa dos trabalhadores e da Celesc Pública

PG. 3



O SINDICALISMO BRASILEIRO NO ATUAL CONTEXTO POLÍTICO. PARA ONDE VAMOS?



O 9º Congresso dos Empregados da Celesc está se aproximando. Nesta edição o Linha Viva inicia uma série de entrevistas com os palestrantes que estarão no Congresso.

O primeiro Entrevistado é o Economista do DIEESE, Clemente Ganz Lúcio

Linha Viva - Quais os novos desafios para a ação sindical considerando o contexto de consolidação democrática e de desenvolvimento do país?

Clemente - Primeiro temos que considerar a importância do trabalho para dar sentido e estruturar o desenvolvimento. A orientação da política econômica deve seguir uma estratégia de geração de emprego, de crescimento do trabalho. Entretanto, é necessário que tenhamos um incremento do investimento na ampliação e capacidade produtiva. A dimensão do investimento amplia a oferta de emprego e gera capacidade de produção. Este é um tema central.

Um dos desafios é que precisamos produzir bens que agreguem valor, por exemplo a Laranja. Devemos não apenas produzir a Laranja, mas também o suco da Laranja e as máquinas que fazem o suco. É necessário ampliar a capacidade produtiva, produzir bens de valor agregados. É importante observar que o nível de investimentos não vem acompanhando o incremento da renda e a oferta de emprego crescentes, na mesma velocidade, o que também é um desafio.

Linha Viva - Como o perfil e as demandas dos atuais trabalhadores interferem na agenda sindical?

Clemente - Uma questão para o movimento sindical, uma das mais relevantes, é que com o aumento da formalização do trabalho nos últimos 10 anos o mercado conta em sua grande maioria com pessoas com menos de 50 anos. Cerca de 40 a 50% dos trabalhadores são jovens. Este ingresso de jovens no mercado formal, que é onde os sindicatos têm representação, traz um desafio novo: interpretar as demandas da juventude.

A origem do movimento sindical é de estrutura pela solidariedade, enquanto a sociedade é hoje, estruturada por um individualismo exacerbado, por um consumismo. Há uma contradição a ser enfrentada.

Outro desafio é a inclusão das mulheres na ação sindical. As mulheres já são cerca de 40% da força de trabalho no país. É preciso renovar a ação sindical através da inclusão dos jovens e das mulheres.

Creio que outro desafio é observar uma agenda de toda a sociedade, seja na luta por transporte público de qualidade nos municípios, seja por melhorias na educação, ou seja, criar uma maior relação com a luta por políticas públicas.

Linha Viva - O que significa a representação dos trabalhadores em um contexto de rápidas transformações econômicas e sociais?

Clemente - A representação dos trabalhadores no Brasil precisa enfrentar um grande desafio, que é uma auto-regulação sindical. Os sindicatos precisam auto-definirem padrões de atuação e de como se faz a atividade sindical. O movimento sindical hoje é muito fragmentado, há um embate interno. É preciso enfrentar esta fragmentação que enfraquece a atuação perante à sociedade.

É com a criação de um tipo de democracia dentro do movimento sindical que este, organizado, vai conseguir respeito da sociedade. Hoje há um ataque da sociedade ao movimento sindical. Os sindicatos precisam mostrar qualificação política para conseguir o respeito da sociedade e efetivamente representar os trabalhadores.

Outro ponto central para a representação sindical é investir na organização sindical no local de trabalho. O local de trabalho é essencial para formação de militantes. Este acaba por se configurar em um espaço de aprendizado, através dos enfrentamentos.



"A origem do movimento sindical é de estrutura pela solidariedade, enquanto a sociedade é hoje, estruturada por um individualismo exacerbado, por um consumismo. Há uma contradição a ser enfrentada"

POR UMA CELESC FORTE, SINDICATOS INICIAM CAMPANHA

Os sindicatos que compõem a Intercel estão iniciando uma campanha frente à sociedade catarinense. Nestes mais de 50 anos de existência, a Celesc sempre foi um dos pilares de sustentação do desenvolvimento de Santa Catarina. Seus trabalhadores, as engrenagens que proporcionaram esse crescimento.

Por seu perfil público, a Celesc sempre teve papel de destaque junto à população. Mesmo após um período de privatizações que assolou o país na década de 90, a empresa continuou pública com o respaldo da sociedade.

Nossa história, entretanto, vem aos poucos sendo manchada por uma série de gestões equivocadas, por pressões políticas e capitais que deixam a sociedade em segundo plano.

As recentes manifestações da sociedade em todos os cantos do estado são prova de como a imagem da Celesc foi desgastada por ingerência e ganância. De norte a sul do estado, trabalhado-

res são ameaçados, coagidos e ridicularizados. A falta de energia recorrente gerou protestos dentro de Agências Regionais e ganhou as câmaras de vereadores, rádios e jornais. O trabalhador,

"As manifestações da Celesc em defesa dos trabalhadores são pífias. Aliada a uma política que não contempla as necessidades reais da sociedade, os celesquianos vivem pela primeira vez um momento onde a sociedade não é mais aliada."

Isso precisa mudar"

este companheiro que a toda hora está lutando pelo bom atendimento à sociedade, virou escudo para a empresa. É nele que batem. É ele que xingam, como se ele fosse o responsável pela queda na qualidade do serviço prestado à população. Enquanto isso, engratados curtem sua

posição e assistem de camarote o linchamento do celesquiano e a deterioração da imagem da Celesc. As manifestações da Celesc em defesa dos trabalhadores são pífias. Aliada a uma política que não contempla as necessidades reais da sociedade, os celesquianos vivem pela primeira vez um momento onde a sociedade não é mais aliada.

Isso precisa mudar.

Os sindicatos que compõem a Intercel sempre lutaram para que a Celesc tivesse duas grandes prioridades: o bom atendimento à sociedade catarinense e o respeito com o trabalhador. A Celesc não vem fazendo nem um, nem outro. É por isso que os sindicatos iniciaram uma campanha junto à sociedade para informar e alertar para os problemas dessa gestão, que explora e submete os trabalhadores à condições degradantes e também deixa a sociedade à mercê da incerteza e da sorte.

TRABALHADORES E SOCIEDADE: JUNTOS PELA CELESC DE TODOS

A sociedade sempre esteve ao lado da Celesc. Hoje a relação já não é tão harmoniosa, mas é hora de voltarmos a ser uma equipe. Os trabalhadores do setor elétrico catarinense estão sendo massacrados pela população por que a Celesc não fala a realidade. Os celesquianos nunca pararam de trabalhar para bem atender o povo catarinense. Pelo contrário. Nos últimos anos todos têm trabalhado dobrado, com baixas condições e muitos riscos de saúde e segurança. Infelizmente, apenas o empenho dos celesquianos não é suficiente para dar à sociedade o serviço que ela merece.

Enquanto a Celesc e o governo não fizerem sua parte, perdem os trabalhadores, perde a sociedade. Mas o que você trabalhador pode fazer mais? Pode se juntar aos sindicatos nessa campanha de conscientização da sociedade de que o celesquiano já faz sua parte e que é preciso cobrar dos dirigentes da empresa e do governo maior respeito com a população catarinense.

Nos próximos dias os sindicatos que compõem a Intercel estarão buscando todas as formas de mídia para entrar em contato com a população, pedindo seu apoio nessa luta. Juntos, trabalhadores e sociedade são mais fortes. E mais fortes teremos a Celesc que merecemos!

"Enquanto a Celesc e o governo não fizerem sua parte, perdem os trabalhadores, perde a sociedade. Mas o que você trabalhador pode fazer mais? Pode se juntar aos sindicatos nessa campanha"

CHAPA RESISTÊNCIA E LUTA É ELEITA NO SINDINORTE

Os trabalhadores eletricitários do norte de Santa Catarina escolheram nos dias 5 e 6 de maio seus representantes para o próximo triênio à frente do Sindicatos dos Eletricitários do Norte de Santa Catarina (Sindinorte). Por ampla maioria os trabalhadores referendaram a chapa Resistência e Luta, da qual grande parte dos candidatos faz parte da atual diretoria do sindicato.

Do total de sindicalizados aptos a votarem, 75,8% compareceram às urnas para exercer o direito democrático do voto. Dos 289 votantes, 287 referendaram a chapa, alcançando um percentual de 99,3% de aprovação dos trabalhadores. Os sindicatos que compõem a Intercel e a Intersul parabenzam os companheiros do Sindinorte, que há tempos participam do coletivo de trabalhadores buscando o respeito aos direitos dos trabalhadores e a manutenção das empresas públicas.

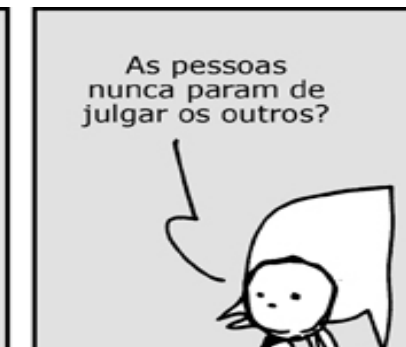


CUTUCADAS Celesc



Ao que parece, o programa de eficiência da Celesc passou longe de Jaraguá do Sul. É mais fácil chegar 2030 do que o toldo que dá acesso ao COD da regional ser substituído. Mesmo após a denúncia feita no Linha Viva e os vários registros da Cipa da Regional; mesmo após a interdição da passagem, nada foi feito. Será que teremos que abrir uma contagem de dias para que a Celesc demonstre respeito com a segurança dos trabalhadores?

MALVADOS
www.malvados.com.br



Intercel
Intercel - As empresas da Santa Catarina

LINHA VIVA é uma publicação da Intersindical dos Eletricitários de SC
Jornalista responsável: Paulo Guilherme Horn (SRTE/SC 3489)
| Conselho Editorial: Mario Jorge Maia
Rua Max Colin, 2368, Joinville, SC | CEP 89206-000 | (047) 3028-2161 | E-mail: sindsc@terra.com.br

As matérias assinadas não correspondem, necessariamente, à opinião do jornal.

www.sindinorte.org.br
www.sinergia.org.br
www.sintresc.com.br
www.intersul.org.br

“A LÓGICA DA MERITOCRACIA E DA COMPETIÇÃO NÃO NOS AGRADA”

Para a atriz Fernanda Azevedo, da Kiwi Cia. de Teatro, que recebeu o prêmio de melhor atriz na 26ª edição do Prêmio Shell, a Shell, assim como grandes empresas nacionais ou multinacionais, “limpam sua barra” através da cultura ou de ações benevolentes

No dia 18 de março, a atriz Fernanda Azevedo, da Kiwi Cia. de Teatro, recebeu o prêmio de melhor atriz na 26ª edição do Prêmio Shell, em São Paulo. A premiação se relacionou ao seu trabalho na peça, que esmiúça os elementos constitutivos da ditadura brasileira – e de outras ditaduras do século 20 – e os relaciona com suas permanências no presente.

A atriz trocou o discurso padrão de agradecimento pelo protesto, lendo um pequeno texto do escritor uruguaio Eduardo Galeano: “No início de 1995, o gerente geral da Shell na Nigéria explicou assim o apoio de sua empresa à ditadura militar nesse país: ‘Para uma empresa comercial, que se propõe a realizar investimentos, é necessário um ambiente de estabilidade. As ditaduras oferecem isso’”.

Na entrevista a seguir, Fernanda Azevedo fala sobre a decisão da Kiwi de utilizar a ocasião para se manifestar e sobre a relação do protesto com a peça do coletivo, que está em cartaz novamente, em São Paulo.

Achamos importante o reconhecimento dos pares, da categoria teatral, mas não consideramos que os prêmios sejam a melhor forma de expressar este reconhecimento. A lógica da meritocracia e da competição não nos agrada.

Preferimos políticas públicas de cultura, permanentes e transparentes, que contemplem projetos artísticos e possibilitem aos grupos e artistas trabalhar com dignidade e sem ter que responder aos caprichos do departamento de de uma empresa patrocinadora. O caso do Prêmio Shell ganhou importância justamente espelhando a lógica da competição e do individualismo (fora o prêmio de revelação, todos os outros são para categorias individuais). A Shell, ao tornar-se a anfitriã desta festa, segue o ladrão neoliberal de funcionamento da nossa sociedade onde grandes empresas, nacionais ou multinacionais, muitas delas violadoras de direitos humanos e ambientais pelo mundo afora, “limpam sua barra” através da cultura ou de ações benevolentes.

Toda decisão é tomada coletivamente, pelo grupo. Pensamos sobre o que significava receber não só o prêmio, mas também o dinheiro. Chegamos à conclusão de que esta era uma oportunidade de fazer um discurso crítico que alcançasse mais pessoas, caso ganhássemos o prêmio. Um discurso que fosse coerente com nossa atuação política e artística e que, no ano do cinquentenário do golpe, pudesse trazer à tona, em carne viva, as contradições da nossa sociedade.

O Galeano é um dos escritores vivos mais coerentes na crítica da sociedade capitalista, além de ser um ativista incansável em favor das liberdades e da poesia. Seu texto sobre a Shell é um exemplo de militância pelas informações que traz e pela qualidade da análise.

trata da violência institucional, do conceito de “estado de exceção”, investiga não só os documentos do passado ditatorial do Brasil e de países latino-americanos, mas também faz a relação dos crimes cometidos pelo Estado no passado com a sociedade desigual e as torturas e crimes cometidos nos tempos atuais. O apoio de empresas e empresários às ditaduras é assunto das Comissões da Verdade atuantes no país. Existem documentos que comprovam que a nossa ditadura e o golpe foram apoiados e financiados por dinheiro privado. Foi uma ditadura civil-militar, neste aspecto. Este mecanismo deve ser denunciado a todo o momento se quisermos realmente viver numa sociedade justa e livre. Até porque as empresas e famílias ricas que detêm o poder há muitas décadas e que, por interesses comerciais, integraram-se ou financiaram o regime autoritário, são as mesmas que continuam detendo grande parte do capital e do poder ainda hoje. O teatro que fazemos pretende ser um espaço de desvelamento e análise social e nós, artistas, não estamos descolados da realidade, somos seres políticos e podemos interferir criticamente.

Me parece que, em geral, os jornalistas e as pessoas que escrevem nas redes sociais estão mais interessados na “polêmica”, na “coragem” de falar em público algo que, diga-se de passagem, todos já sabem; em quem é essa tal de Fernanda Azevedo, qual a sua trajetória profissional e pessoal; se deveríamos ou não ter aceitado o prêmio e o cheque; se temos medo de receber retaliações etc. Mas não vemos quase ninguém falando sobre o “tema” do discurso. Discute-se muito pouco o que foi denunciado. O que significa ter uma empresa como a Shell como responsável pelo prêmio mais importante do teatro brasileiro hoje. Este mesmo teatro, ou parte dele, que um dia combateu a ditadura com todas as suas armas, hoje tem como espaço de encontro e festa um evento patrocinado por uma multinacional petrolífera. Termino com um trecho da peça, de Chico Buarque e Ruy Guerra, que me dá esperança no poder do teatro como instrumento de luta: Um dia este país vai ser independente. Dos holandeses, dos espanhóis, portugueses... Um dia todos os países poderão ser independentes, seja lá do que for. Mas isso requer muito traidor. Muito Calabar. E não basta enforcar, retalhar, picar... Calabar não morre. Calabar é cobra de vidro. E o povo jura que cobra de vidro é uma espécie de lagarto que quando se corta em dois, três, mil pedaços, facilmente se refaz.



Achamos importante o reconhecimento dos pares, da categoria teatral, mas não consideramos que os prêmios sejam a melhor forma de expressar este reconhecimento. A lógica da meritocracia e da competição não nos agrada. Preferimos políticas públicas de cultura, permanentes e transparentes, que contemplem projetos artísticos e possibilitem aos grupos e artistas trabalhar com dignidade e sem ter que responder aos caprichos do departamento de de uma empresa patrocinadora.